

JUCA KFOURI

# Confesso que perdi

*Memórias*



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Juca Kfourri

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Rodrigo Maroja

*Foto de capa*

© Renato Parada

*Caderno de fotos*

Claudia Espínola de Carvalho

*Preparação*

Márcia Copola

*Checagem*

Érico Melo

*Revisão*

Jane Pessoa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Kfourri, Juca

Confesso que perdi : Memórias / Juca Kfourri. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2973-7

1. Futebol – Brasil 2. Futebol – Brasil – História 1. Título.

17-06679

CDD-796.3340981

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Futebol : História 796.3340981

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Para Luiza e Julia*

# Sumário

<i>Abreviaturas e siglas</i> .....	9
1. A primeira Copa a gente nunca esquece .....	13
2. A Máfia da Loteria .....	33
3. Duas derrotas: Diretas Já e Democracia Corinthiana .....	42
4. A vingança francesa e a de Montezuma .....	54
5. Fundamos a Premier League. Que afundou... ..	69
6. Castor de Andrade, Collor e Maluf .....	76
7. O Brasil perde mais uma Copa, e a morte de João Saldanha .....	89
8. Minha vida de <i>Playboy</i> .....	96
9. Virada de <i>Placar</i> .....	108
10. O Rei, escondido, vira ministro.....	122
11. Olha lá, na <i>Placar</i> .....	130
12. Não luto e luto .....	142
13. Novo século, novos tempos, velhas lutas .....	158
14. A Copa desprezada de Zinedine Zidane .....	168
15. O Timão cai, sobe, e a Seleção desmorona .....	176

16. A Fifa, seus chefões e chefinhos .....	184
17. A Copa do Mundo não é nossa .....	192
18. Santa Filomena .....	206
19. Três Olimpíadas inesquecíveis .....	214
20. Sócrates, um capítulo à parte .....	227
21. Collor, FHC, Lula, Dilma e eu .....	233
Epílogo: Confesso que perdi .....	243
<i>Créditos das imagens</i> .....	247

# Abreviaturas e siglas

ABC	Região dos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, em São Paulo
Adin	Ação Direta de Inconstitucionalidade
ALN	Ação Libertadora Nacional
Ambev	Companhia de Bebidas das Américas S.A.
APCA	Associação Paulista dos Críticos de Arte
Arena	Aliança Renovadora Nacional
BBC	British Broadcasting Corporation
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CBN	Central Brasileira de Notícias
CEF	Caixa Econômica Federal
CIP	Congregação Israelita Paulista
CND	Conselho Nacional de Desportos
CNT	Central Nacional de Televisão
COB	Comitê Olímpico do Brasil
COI	Comitê Olímpico Internacional

Conar	Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
CPOR	Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
DC	Democracia Corinthiana
Dedoc	Departamento de Documentação da Editora Abril
DEM	Democratas
DOI-Codi	Destacamento de Operações de Informações — Centro de Operações de Defesa Interna
Dops	Departamento de Ordem Política e Social
ESPN	Entertainment and Sports Programming Network
FBI	Federal Bureau of Investigation
Fifa	Federação Internacional de Futebol
FPF	Federação Paulista de Futebol
GP	Grande Prêmio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Incor	Instituto do Coração da Universidade de São Paulo
ISL	International Sport and Leisure
<i>JG</i>	<i>Jornal da Globo</i>
<i>JN</i>	<i>Jornal Nacional</i>
MFS	Movimento de Fortalecimento do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo
MP	Medida Provisória
NBA	National Basketball Association
ONU	Organização das Nações Unidas
PC	Partido Comunista
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdOB	Partido Comunista do Brasil
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PFL	Partido da Frente Liberal
PM	Polícia Militar
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro

Profut	Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC	Pontifícia Universidade Católica
QG	Quartel-General
RH	Recursos Humanos
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
Tuca	Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TVA	Televisão Abril
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UOL	Universo Online
UPI	United Press International
USP	Universidade de São Paulo
UTI	Unidade de Terapia Intensiva
Varig	Viação Aérea Rio-Grandense
VPR	Vanguarda Popular Revolucionária



# 1. A primeira Copa a gente nunca esquece

Estou sentado numa confortável poltrona do avião da Iberia com destino a Sevilha e escala em Madri.

A Copa do Mundo de 1982 é o objetivo, e uma sensação de quase euforia me invade quando ouço o aviso da decolagem.

Quantas pessoas não gostariam de estar no meu lugar? Quantas não pagariam para curtir uma Copa? Pois eu estava indo com tudo pago, teria o salário religiosamente depositado no dia 1º e no dia 15 e outra vez no dia 1º, ficaria em hotéis decentes, almoçaria e jantaria (nem sempre, nem sempre) à custa da Editora Abril, que mais poderia querer?

Seria minha primeira Copa in loco, aos 32 anos, diretor de redação, desde 1979, da *Placar*, então A (com maiúscula mesmo) revista semanal de futebol do país. Só me beliscando para ver se era verdade.

O futebol estava na minha vida desde sempre, tanto que minha primeira memória nítida é a decisão do Campeonato Paulista de 1954, o do IV Centenário de São Paulo, acontecida em fevereiro de 1955, um mês antes de eu completar cinco anos.

O Corinthians empatou 1 a 1 com o Palmeiras, tornou-se o Campeão dos Centenários, pois tinha vencido o campeonato dos cem anos da Independência, em 1922, e meu pai nos levou, meus dois irmãos mais velhos, Cacalo e Beto, e eu, para comemorar no Parque do Ibirapuera, recentemente inaugurado.

Ah, sim, se você não sabe, sou corintiano, uma das melhores heranças que o velho Carlos nos deixou, além da obsessão pela retidão, promotor de justiça que era. Cresci ouvindo-o contar histórias do Corinthians, a cujos jogos sempre ia levado pelo seu Antônio, um português que era dono da mercearia vizinha à casa de meu pai. Quando o juiz entrava em campo, seu Antônio gritava:

— Ladrão, ladrão!

As pessoas em volta estranhavam, o jogo nem havia começado. E ele:

— É pra sabeire, é pra sabeire!

Herdei do velho Carlos, também, a admiração pelo camisa 7, meu número preferido, Cláudio Christóvam de Pinho, chamado de Gerente porque comandava o time como se fosse um armador.

Conheci Cláudio por acaso, no Morumbi, no meio de um jogo qualquer, dois anos antes de sua morte. Ao vê-lo, fiz questão de abordá-lo e dizer o quanto gostava dele, acrescentando que meu pai me aconselhava a comer agrião porque “o Cláudio leva agrião no bolso do calção”.

Levei anos para me tocar que o calção dos jogadores não tem bolso, mas, humilde, o Gerente olhou para mim e disse:

— Que bom, pra alguma coisa eu servi.

Cláudio é até hoje o maior artilheiro do Corinthians, com 305 gols.

Trocamos telefone, ele vivia em Santos, e nos falávamos de vez em quando.

Cláudio era sinônimo do Corinthians vencedor, situação invertida depois do título de 1954 até 1977, período do longo jejum

alvinegro, terminado num 13 de outubro, no Morumbi, gol de Basílio, o Pé de Anjo, aos 37 minutos do segundo tempo.

Quando me perguntam quem eu gostaria de ser se não fosse eu, corrijo a pergunta e respondo que gostaria de ser o Basílio, não de ser eu. Explico por quê.

Pense num menino corintiano acostumado a ouvir histórias sobre as façanhas de seu time, o qual, no entanto, nunca consegue ser campeão, enquanto o São Paulo era, em 1957, e Santos e Palmeiras se revezavam, mais a equipe praiana que a alviverde, com timaços.

Imagine um adolescente corintiano que, entre 1957 e 1968, nem sequer vira uma vitória contra o Santos.

Refleta sobre um adulto corintiano que, em 1974, com 24 anos, testemunhara o vigésimo ano sem títulos, na derrota para o Palmeiras por 1 a 0 que, além de tudo, decretou a saída do melhor jogador da história alvinegra, o injustiçado Roberto Rivellino, campeão mundial pela Seleção em 1970.

Já chefe de reportagem da revista *Placar*, eu estava no meio da torcida naquela noite de 1977. Vi o gol de Basílio e nada mais, uma vez que os olhos embaçaram. Lembro de um jovem de uns quinze, dezesseis anos, perguntar se eu estava me sentindo mal e de responder que nunca tinha me sentido tão bem.

Não sei como, mesmo, fui parar no gramado do Morumbi, com uma bandeira na mão, bandeira que não levara ao estádio e não me recorde de ter comprado.

Lembrei, então, que havia prometido ir buscar minha mulher Ledinha, do segundo casamento, em casa se o Corinthians fosse campeão, para irmos ver o trio elétrico Tapajós, que a *Placar* trouxera da Bahia para a festa da vitória.

Liguei o rádio do carro e mudei de estação, porque Osmar Santos declamava algo como “o que será que você me dá, Corinthians”, apropriando-se da letra de “À flor da terra”, de Chico

Buarque, composta um ano antes para o filme *Dona Flor e seus dois maridos*, o que me despertou uma enorme vontade de chorar.

Troquei para a Bandeirantes, onde Fiori Gigliotti chamava Mauro Pinheiro, o Senador, para seus comentários. Melhor teria sido desligar o rádio.

Mauro começou mais ou menos assim:

— Antes de falar do jogo, da festa, quero mandar um abraço ao jovem jornalista, chefe de reportagem da revista *Placar*, Juca Kfoury, que deve estar enlouquecido em algum lugar do estádio.

Eu passava em frente ao Hipódromo de Cidade Jardim; subi na ilha que separa as duas mãos da avenida, e chorei de alegria todos os prantos inconformados dos tempos de criança.

Quando, digamos, voltei a mim, era tarde para ir atrás do trio elétrico, embora já pudesse morrer. Peguei minha mulher e fomos à cantina Gigetto, que ficava aberta madrugada adentro e era frequentada pela classe teatral.

A paixão pelo futebol pautou minha infância e adolescência, a ponto de eu fazer um arquivo das coisas do Corinthians, do Pelé, de basquete, que joguei à vera dos catorze aos dezoito anos no Club Athletico Paulistano, dois anos como infantil, mais dois como juvenil e uns poucos meses na categoria principal, abandonada depois de uma derrota para o Corinthians de Amaury Passos, Wlamir Marques, Ubiratan, Rosa Branca, todos bicampeões mundiais em 1963.

Tenho recortes com fotos de Pelé atuando como goleiro pelo Santos contra o Grêmio, numa tarde, no Pacaembu, em que Gylmar dos Santos Neves, melhor goleiro da história do nosso futebol, bicampeão mundial pela Seleção e pelo Santos, foi expulso de campo.

Embora eu sempre tenha sido corintiano, o Santos teve grande importância em minha adolescência, porque era impossível gostar de futebol e não gostar do Santos. Devo àqueles jogado-

res vestidos de branco muitas alegrias e, ao menos, dois anos de vida saudável.

Comecei a fumar muito cedo, aos doze anos. Surpreendido com um cigarro na boca por meu pai, um fumante moderado que apreciava, às vezes de olhos fechados, o prazer da nicotina, ouvi dele um conselho, não uma bronca:

— Não posso impedir que você fume, porque também fumo. Mas não faz bem, ainda mais para quem quer ser jogador de basquete. E prefiro que você fume na minha frente, porque, escondido, você vai fumar mais.

Segui fumando longe dele, mas sem a irresistível sensação da coisa proibida. Até que o Santos, em 1963, disputou o mundial de clubes com o Milan, e perdia por 2 a 0 no intervalo do jogo, num Maracanã lotado por 132 mil cariocas que, como eu, adoravam o time. No banheiro de casa, aos treze anos, prometi, olhando para o espelho, que, se o Santos virasse, pararia de fumar.

O Santos virou o placar para 4 a 2, ganhou o jogo no desempate, porque havia perdido em Milão pelo mesmo placar, e foi campeão. Só voltei a fumar, aí já na frente de meu pai, aos quinze anos.

A virada santista é um de meus jogos inesquecíveis, narrado, na antiga tv Record, por Raul Tabajara, que antes do quarto gol, em falta batida por Pepe, citou Camões:

— Cesse tudo que a Musa antiga canta que outro valor mais alto se alevanta... goooooo!!!!

Havia caído uma tempestade colossal sobre o Rio de Janeiro, muita, mas muita água, e muitos gols — o suficiente para forçar o terceiro jogo, vencido pelo Santos por 1 a 0 —, mesmo sem o machucado Rei Pelé nos dois jogos.

Do bicampeonato mundial de basquete, no Maracanãzinho, tenho recortes dos quais fiz cópias e dei de presente para Amaury Pasos e Wlamir Marques, a melhor dupla que vi jogar no Brasil.

Minha despedida do basquete se deu pela constatação de

que o jogo jogado por eles era muito diferente daquele praticado por mim, depois do aplastrante resultado de 135 a 60 no ginásio do Jardim América.

Quando juvenil, perdi os dois lances livres decisivos que levariam o Paulistano ao campeonato estadual em Franca, sonho do time que disputava o quarto lugar (Corinthians, Palmeiras e Sírio se revezavam entre os três primeiros) com o Floresta — que virou Esperia mais tarde, ao readotar seu nome de origem, trocado na Segunda Guerra como o do Palestra, que virou Palmeiras.

Frustração redobrada porque, depois de, na quadra, ser consolado pelos companheiros, no chuveiro ouvi alguém dando murros na parede do boxe ao lado e, ao sair para ver quem era, encontrei um dos colegas, o Viana, que não sei que fim levou, batendo no chão e na parede enquanto blasfemava:

— FDP do Kfourri, FDP do Kfourri.

Fiquei arrasado.

Nós perdíamos por um ponto quando, ao faltarem apenas três segundos para terminar o jogo, sofri uma falta. Nosso técnico pediu tempo e falou só comigo:

— Kfourri, nos treinos você quase não perde lances livres. Nem precisa fazer os dois. Empata o jogo que a gente ganha na prorrogação.

Acho que aquele minuto parado foi fatal. Esfriei e... tremi.

Por anos a fio não esqueci esse momento.

Como colecionava recortes de jornais e de revistas, acabei indicado por um amigo para trabalhar no Dedoc da Abril, a fim de atender à revista *Placar*, que nasceu em 1970, antes da Copa do México, a do tricampeonato mundial de Pelé, Tostão, Rivellino, Gérson, Jairzinho e cia.

O Departamento de Documentação e Pesquisa (hoje apenas Departamento de Documentação) foi criado para servir à *Veja*, em 1968. Tinha milhares de pastas de fotos e recortes alimentadas

por seus funcionários, em regra gente que vinha dos cursos de História, Economia, Geografia, Filosofia e Ciências Sociais.

Aprendi muito naquela “escola” frequentada pelos melhores jornalistas do país em busca de informações para suas reportagens. Pense num grande nome da imprensa brasileira e tenha certeza: passou horas no Dedoc pesquisando.

Todos ali eram mais velhos que eu, como Celso Ming, até hoje colunista de Economia do *Estadão*, e Irede Cardoso, uma feminista militante que veio a se eleger vereadora pelo PT nos anos 1980.

Antes de estreiar de corpo presente numa Copa, portanto, eu já tinha participado das Copas de 1970, 1974 e 1978, nas duas últimas como chefe de reportagem da *Placar*.

Nunca havia pensado em ser jornalista, apesar de meu avô materno, Luis Amaral, que era de direita, ter sido o primeiro repórter a entrevistar Luís Carlos Prestes no comando de sua Coluna.

Tive pouco contato com esse avô, porque o conheci já depois de ele ter sofrido um derrame cerebral. Mas sei que não se tratava de uma figura fácil. Viveu entre os índios, era ativista do cooperativismo, especialista em questões agrícolas. Antissemita e antisionista, escreveu, em 1948, *Os servos do Talmud*, livro em que arrasava os judeus. Participou da fundação da *Folha da Noite*, origem do Grupo Folha. Era profundamente orgulhoso, a ponto de preferir passar por bêbado a admitir que estava sequelado pelo derrame.

Uma vez, férias de julho no Rio, em Ipanema, na rua Visconde de Pirajá, quando minha mãe saía comigo e com meus irmãos para a praia, ele pediu a ela que não fosse.

— Tenho de cuidar das crianças para que não se afoguem — ela ponderou.

— Que morram — reagiu.

Sim: não tenho uma boa lembrança dele.

Entre na Faculdade de Ciências Sociais da USP com duas ideias: seguir carreira universitária e escrever uma tese de doutorado para demonstrar que o futebol, ao contrário do pensamento vigente em nossa esquerda, era mobilizante, e não alienante. Outros tempos, aqueles. Tempos de ditadura.

Uma noite, nos barracões da Ciências Sociais na Cidade Universitária, o professor de Sociologia 1, o grande Gabriel Cohn, marcou prova no horário em que jogariam Brasil e Romênia, em Guadalajara. Levantei a mão e lembrei que era dia de jogo de Copa do Mundo. A classe vaiou e o mestre submeteu à votação a manutenção do dia da prova.

Foi então que eu soube que a classe tinha 21 alunos. Deu 20 a 1. Porque, diziam os colegas, que passaram a me tratar como um reles alienado, “cada gol do Brasil atrasava em dez anos a revolução brasileira”.

Pior ainda foi no ano seguinte, nos Jogos Pan-Americanos em Cali, na Colômbia, quando anunciei que torceria pelo time brasileiro de basquete contra Cuba.

— Mas você vai torcer contra o time do Comandante [Fidel Castro]? — perguntavam meus colegas.

— A Revolução é uma coisa, basquete é outra. Eu sou brasileiro, não sou cubano — eu respondia.

Nunca permiti que a ditadura roubasse até o que eu tinha de mais íntimo. Seguiu me comovendo ao ouvir, e sempre cantei, o Hino Nacional, porque era o do meu país, não o da ditadura usurpadora. Já bastava o medo que ela nos incutia.

O desfecho do episódio com Gabriel Cohn é saboroso.

Em 1982, sou convidado pelo professor e historiador da USP José Sebastião Witter para participar de uma reunião em que se discutiria a elaboração de uma enciclopédia brasileira do futebol. Reunião em curso, entra na sala o mestre Gabriel. Não seguro minha surpresa, há uns oito anos sem vê-lo, e exclamo:



— Mestre, você aqui?!

Incontinentemente, ele se dirige a mim de dedo em riste e sorriso irônico:

— Você só está surpreso porque é tão preconceituoso como os seus colegas que não me deixaram ver Brasil e Romênia na Copa de 70.

— Peraí, professor. Foi você quem marcou a prova — retruco.

— Sim, foi, porque sou desligado. Mas, depois daquela noite, você nunca mais falou de futebol comigo. E saiba que sou tão ou mais corintiano que você e que não acredito em sociólogo no Brasil que não tenha as calças puídas pelas arquibancadas. Mas você também achava que a faculdade não era o locus apropriado para falar de futebol.

Gabriel Cohn acabou por influenciar minha escolha pelo jornalismo. Ao dar uma nota alta em meu trabalho final em Sociologia 4, a respeito do sociólogo francês Émile Durkheim, sob o pretensioso título “Durkheim, um conservador?”, o que só um moleque de 23 anos poderia escrever, ele observou:

— Você tem certeza de que não quer ser jornalista?

Quando perguntei a razão da observação, numa nota tão boa, ele foi ao ponto:

— Como trabalho acadêmico talvez eu devesse dar zero, mas como resenha está muito divertida.

No ano seguinte, ao começar a fazer pós-graduação, sempre às terças-feiras, em Política com o professor Francisco Weffort, um dos fundadores do PT e depois ministro da Cultura de FHC, surgiu o convite para assumir a chefia de reportagem da *Placar* e tive de optar.

Não havia pós-graduação à noite e a Abril me liberava para fazer o curso, algo impossível com a *Placar*, porque a abertura da revista se dava às terças, dia de expedir as pautas e cobrar as anteriores, função do chefe de reportagem.

Bem mais tarde soube que em minha classe a maioria fazia parte, como eu, de grupos clandestinos. Já aos dezessete anos, eu era do chamado “grupo de apoio” da Ação Libertadora Nacional, a ALN, organização de combate à ditadura comandada por Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira.

Ajudava a fazer a documentação para quem tinha de sair do Brasil e, depois da morte de Marighella, em 1969, servi como motorista de Câmara Ferreira, o Toledo, ou o Velho, a quem devo o fato de estar vivo. Ajudei a fazer os documentos, por exemplo, do publicitário Carlos Knapp, o Washington Olivetto dos anos 1960 em São Paulo, dono da badalada agência Oficina de Propaganda.

Knapp dirigia sua Mercedes-Benz com Marighella para cima e para baixo, além de esconder o guerrilheiro em sua residência, no elegante bairro paulistano do Jardim Europa, a trezentos metros da casa do comandante do II Exército. Ninguém desconfiaria que dentro de um carrão raro como aquele na cidade pudesse estar o “inimigo público número um” da ditadura.

Não foi fácil tirá-lo do país, pois Knapp usa bota ortopédica por causa de uma osteomielite sofrida na infância.

Relato apenas este caso porque o próprio publicitário já o contou em suas memórias *Minha vida de terrorista*.

Mas não foi por nada disso que na noite de 7 para 8 de setembro de 1971 fui preso e levado para o DOI-Codi, na rua Tutoia, o inferno chamado de Operação Bandeirantes.

Em plena Semana da Pátria na faculdade, fui estudar com três colegas no apartamento de um deles no Guarujá. Na volta a São Paulo, os convidei para tomar cerveja em minha casa. Dois aceitaram o convite. O terceiro, Guido Mantega, não aceitou. Passamos a brincar com ele por ser um cara de sorte e com ele viajei, no ano seguinte, até a região dos lagos quentes de Osorno, no Chile, de automóvel.

Pouco antes da meia-noite, quando nos preparávamos para